

HUMANIZAÇÃO: DESAFIO DA PÓS-MODERNIDADE

Luis Carlos Trombetta¹

Sérgio Trombetta²

Éderson Iachinski³

RESUMO: O processo de humanização sempre foi um grande desafio aos seres humanos, mas na atualidade o problema está mais acentuado, pois vivemos um cenário marcado pela barbárie desumanizante. Além de natureza, somos cultura e é por isso que devemos nos apropriar de elementos capazes de potencializar a nossa vida em sociedade. Para atingir tal fim, enquanto seres humanos e enquanto sociedade, devemos empregar meios convergentes com os fins propostos para vivermos bem. Neste sentido é que a educação é um dos processos e o meio privilegiado para nos fazer humanos e, ao mesmo tempo, nos humaniza coletivamente enquanto espécie. Neste pequeno artigo, pretendemos contar situações nas quais a humanização acontece gradativamente e descrever experiências nas quais estes elementos são tratados com muito cuidado e atenção. O pano de fundo das narrativas feitas é o processo de gestão do ensino e da aprendizagem que ocorre na rede municipal de educação de Igrejinha através dos diferentes papéis que desempenhamos ou executamos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, humanização, escola, autonomia, liberdade e cuidado.

¹ Doutor em Educação pela UFRGS; mestre em Antropologia Filosófica pela PUCRS; professor da FACCAT e da UCS e Secretário de Educação de Igrejinha RS.

² Mestre em Filosofia; Professor da UNISINOS e da FACCAT.

³ Especialista em Matemática - Mídias Digitais (UFRGS). Professor de Matemática das Redes Municipal de Educação de Igrejinha e Parobé.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A convivência social na atualidade é desafiadora. Vivemos em um tempo no qual o virtual aparece mais do que o real em múltiplas dimensões de nossas existências. Até parece que a convivência cotidiana nos empurra para situações nas quais o diálogo com os outros e outras é mais normal desde que seja mediado por diferentes canais/meios tecnológicos. Presenciamos situações nas quais as pessoas usam e-mails, Facebook, WhatsApp, Instagram e diferentes meios para cumprimentar outras pessoas, para fazer negócios, para coordenar ações laborais, para falar de amor, enfim, para dinamizar a existência cotidiana em quase todos os aspectos.

O panorama relatado, objetivamente, no parágrafo anterior nos faz pensar e refletir muito sobre a qualidade de nossas relações e convivências humanas e sociais. É, de fato, uma realidade totalmente diferente de se relacionar. Muitas perguntas procuram problematizar e compreender a dimensão disto tudo para os próximos anos. As pessoas perguntam: onde vai parar isto tudo? As relações são melhoradas ou prejudicadas com estas atitudes? Entendemo-nos mais ou menos com estas 'virtualidades interpessoais'? São estas observações que povoam o imaginário das pessoas quando o tema é convivência, humanização e tecnologias.

Existem várias afirmações que proclamam que estamos vivendo na pós-modernidade. Mas será que todos e todas diferenciam pós-modernismo de pós-modernidade? Vejamos:

A palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto pós-modernidade alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação (EAGLETON, 1998, p. 7).

Dando continuidade a esta reflexão, vemos outros elementos da pós-modernidade:

Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura 'elitista' e a cultura 'popular', bem como entre a arte e a experiência cotidiana (EAGLETON, 1998, p.)

De fato, na atualidade existem situações nas quais potencializamos 'o divertido', a superficialidade, a falta de profundidade e, acima de tudo, experiências cotidianas inautênticas. Tudo isto reflete na escola e cria muitos desafios aos profissionais que aí trabalham, especialmente no que se refere ao desafio de despertar a consciência crítica e a sensibilidade moral.

Como é que tudo isto repercute nas escolas? Como os professores e demais profissionais da educação estão trabalhando esta realidade com os estudantes? Não tem como fugir deste debate e nem como fazê-lo pela metade e às pressas. É diante desta perspectiva que necessitamos debater e construir estratégias e táticas inteligentes para nos humanizar individual e coletivamente enquanto seres sociais que somos e, acima de tudo, lutar muito para que tenhamos liberdade.

Só na plenitude deste ato de amar, na sua existencição, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objetive, é uma farsa (FREIRE, 2005, p. 40)

Em sintonia com a luta deve estar a dedicação, o amor, a práxis que são as ações conscientes, e, acima de tudo, o diálogo e o cuidado. Podemos dizer que estes elementos estão em nossos eixos educacionais e temos um zelo todo especial para fazer com que eles se efetivem gradativamente em tudo aquilo que fazemos.

Neste breve texto temos a intenção de contar e, dentro do possível, descrever experiências educativas nas quais o trabalho em torno da educação tem como *telos*⁴ a ideia de humanizar e humanizar-se. Pensamos que este é um caminho de mão dupla, pois ao entrarmos em contato com outras pessoas e nos relacionarmos com elas é que nos fazemos enquanto gente. Esta reciprocidade que ocorre durante o processo é fundamental, pois, segundo o próprio Freire *'ninguém educa ninguém e nós aprendemos, nos educamos*

⁴ É o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade. Neste artigo estamos usando esta definição com o sentido de fim, finalidade, intencionalidade.

conjunta e coletivamente'. E é justamente a partir desta perspectiva que precisamos potencializar experiências educativas tendo presente a construção continuada de cada um e de cada uma. No horizonte está a formação para a autonomia e para a liberdade e, segundo diversas interpretações, estas condições são determinantes para termos cidadão livres e comprometidos politicamente com a mudança das atuais situações sociais desagradáveis que presenciamos em vários contextos e cenários (FREIRE, 1996).

A elaboração do artigo estará apoiada em conversas feitas com os colegas, colocações feitas em seminários por palestrantes e também em algumas citações de livros que destacamos para aqui colocar e validar as afirmações que serão feitas.

2 A HUMANIZAÇÃO

Ter no horizonte que todos os atos e ações que fazemos são carregados de conteúdos e de implicações políticas é algo fundamental para a nossa existência enquanto profissionais da educação. Quem não tem esta consciência peca por ignorar e desconhecer as repercussões de tudo o que fazemos ou deixamos de fazer através de diversas prevaricações e omissões. A política é a intervenção consciente (ou não) que temos em quaisquer ações que empreendemos em nossa vida profissional. Como é impossível concretizarmos ações imparciais e com neutralidade é razoável então que entendamos o nosso fazer como algo com repercussões e consequências; na proposta de Freire, a educação, enquanto ato político, visa a transformação das situações que desumanizam os seres humanos em algo com outro nível de qualidade e cidadania.

Ao acompanharmos a trajetória teórica e prática de Paulo Freire percebemos que a luta pela emancipação e, acima de tudo, pela humanização estava presente nas coisas que ele fazia. Podemos até afirmar que o fim de tudo aquilo que ele fazia era a concretização de projetos que humanizassem os seres humanos e as suas relações e convivências (STRECK, 2010). Na

totalidade das relações, Freire sempre considerava os homens/mulheres como sujeitos da própria história e nunca como objetos. Aqui tem uma implicação ética importante e que deve estar presente nos processos pedagógicos e educativos: evitar a alienação, a ideologia e as diferentes formas de manipulações. Sim! Nos casos nos quais as pessoas não percebem-se enganadas e manipuladas temos aí a falta de liberdade e violência nas relações. Na educação o processo é o da 'saída da Caverna' e não o aprisionamento. O 'escravo' das alienações e das ideologias é desumanizado e isto é uma atitude altamente imoral.

Em diferentes obras de Freire percebemos a denúncia radical contra tudo aquilo que diminui e apequena os seres humanos e, concomitante a isto, o anúncio de propostas utópicas e esperançosas em direção a uma sociedade nova feita/composta/constituída por novos homens e novas mulheres.

O homem novo e a mulher nova vão nascendo na prática da reconstrução revolucionária da sociedade. Mas, de qualquer maneira, podemos pensar em algumas qualidades que caracterizam o homem novo e a mulher nova. O compromisso com a causa do povo, com a defesa dos interesses do povo é uma destas qualidades. **A responsabilidade no cumprimento do dever** (grifo nosso), não importa a tarefa que nos caiba, é um sinal do homem novo e da mulher nova. A defesa intransigente da nossa autonomia, da liberdade que conquistamos marca igualmente o homem novo e a mulher nova. O sentido da solidariedade, não somente com o povo, mas também com todos os povos que lutam pela sua libertação, é outra característica do homem novo e da mulher nova. Não deixar para fazer amanhã o que se pode fazer hoje e fazer cada dia melhor o que devemos fazer é próprio do homem novo e da mulher nova (FREIRE, 2011, p. 99 e 100).

A partir desta citação podemos perceber a relevância deste assumir-nos como responsáveis pelas mudanças e transformações que estão ao nosso alcance enquanto profissionais da educação. Homens e mulheres novos, marcados por uma militância pedagógica consciente, é algo desafiador, mas necessário. Percebemos que isto, além de humanizar todo o processo, contribuiu também para que o mesmo seja um ato político no sentido de promover mudanças e transformações para um futuro melhor, principalmente, para os que mais necessitam de nossa ajuda⁵, pois somos educadores ou,

⁵ O compromisso com todos os homens está presente em nossas ações e atos que fazemos com os brasileiros e, nos últimos meses/anos, estamos incluindo em nossas escolas (Educação Infantil e na EJA)

como diz Gramsci, intelectuais orgânicos transformadores. Nossas ações devem contribuir para que as situações sócio-históricas sejam alteradas para que todas e todos tenham dias melhores.

Em todas estas situações o chamamento aos seres humanos para que sejam mais é uma marca perceptível. Ao criticar a educação bancária, as diferentes formas de alienação, o domínio ideológico reinante em diferentes momentos e contextos históricos, o autor nos coloca que não tem como sonharmos em dias e tempos melhores sem uma mudança profunda no ser homem e mulher que convivem em sociedade. Esta ideia converge com o princípio de que devemos deixar filhos melhores para um mundo melhor e também a tese de Freire que diz que a educação muda as pessoas e estas mudarão o mundo.

É interessante destacar que Paulo Freire e outros autores nos falam em ser mais e não em ter mais. Por trás desta singela proposta tem também um projeto de sociedade; o projeto proposto por Freire traz consigo um sonho de sociedade que é mais coletivo e colaborativo e menos competitivo e individualista. O autor retoma certas ideias que estiveram presentes em muitos fatos históricos e que nem sempre foram acolhidas pela humanidade, ao menos como projeto coletivo. Em vários pensadores iluministas temos estas ideias presentes; nos movimentos sociais do século XIX vemos que a pressão dos movimentos sociais repercutiu em constituições e garantiu a inclusão de artigos destinados à proteção dos Direitos Humanos e também teses dos pensadores materialistas que foram salvas e guardadas em muitas declarações e constituições e que fizeram a diferença na vida das pessoas.

Este projeto coletivo diverge das tendências pós-modernas da atualidade. Ao potencializar o todo e não as partes, o coletivo e não os indivíduos, as grandes narrativas e projetos e não as coisas esfaceladas, o projeto freiriano vai de encontro (no sentido de confrontar/enfrentar) a tudo aquilo que desumaniza.

os filhos de haitianos que vieram a Igreja em busca de melhores condições de vida. Com estas ações concretizamos o sentido de solidariedade/humanidade com todos os povos. Freire já preconizava isto em suas obras. Se estivesse vivo, provavelmente, seria um militante incansável desta bandeira.

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação de ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica (FREIRE, 1993, p. 30).

O projeto de ser mais é construído com os educandos e educadores igrejinhenses que, ao longo dos processos pedagógicos, ensinam e aprendem durante todo o processo da Educação Básica. Na cidade de Igrejinha, em onze Escolas de Educação Infantil, procuramos estimular e motivar os profissionais da educação para que 'não roubem humanidades' das crianças. Em nosso projeto, enalteçamos muito o cuidado, as brincadeiras, a interação e a organização de uma rotina convergente com um projeto humano no qual a pessoa, gradativamente, possa ir dando passos largos na direção da autonomia. Estas teses foram trabalhadas, debatidas e potencializadas no Seminário de Educação Infantil que ocorreu nos dias vinte e sete e vinte e oito de agosto de dois mil e quinze em nossa cidade. O tema deste foi provocante: *Rodas de Conversa: um olhar sensível para a Infância*. A equipe da Secretaria Municipal de Educação em parceria com as equipes das Escolas Infantis pensaram a decoração dos espaços, os textos, as rodas de conversas, as conferências/palestras, o teatro apresentado e as atrações culturais. Ficou evidente o caráter humanitário em torno das coisas que estiveram imbricadas com o todo do Seminário de Educação Infantil.

Neste último parágrafo vemos um breve relato acerca do planejamento cuidadoso dos eventos que temos e que no fundo se apresentam ideias e ações convergentes com processos humanizadores dentro e em torno da educação.

Em todas as escolas, além dos profissionais que estão a serviço dos educandos, temos um/a coordenador/a e um/a diretor/a que compõe a equipe diretiva e são as responsáveis pelas organizações administrativas nestes espaços. Temos ciência de que os investimentos são significativos ou, conforme dizem os monetaristas, altos, mas que a curto e médio prazos estes valores serão compensados com adolescentes, jovens e adultos preparados para viverem uma cidadania consciente e livre. Nestas escolas, existem acompanhamentos pedagógicos das atividades das professoras, professores e

estagiários. Um quinto e um terço⁶ por cento do tempo dos educadores/educadoras está reservado para o planejamento das atividades e elaboração de pareceres acerca das atividades desenvolvidas com os meninos e meninas. É uma situação na qual os profissionais gestam atividades para que, de fato, as crianças sejam o centro das atenções e, acima de tudo, o fim das atividades de todas e todos que trabalham com a educação.

Além das Escolas de Educação Infantil temos também onze Escolas do Ensino Fundamental e três centros voltados a outras experiências educativas. Nestes espaços também temos maravilhosas experiências humanizadoras nas quais os meninos e as meninas, juntamente com os diferentes profissionais de educação, compartilham momentos de rica convivência. Nestes espaços públicos de educação, empreendemos grandes esforços para vencermos as realidades opressoras.

Além das escolas de ensino fundamental, no município de Igrejinha temos também o CAE⁷, o CEMAE⁸ Aprender e o CEAAK⁹. Nestes espaços temos atividades que primam pela formação integral.

No CAE atendemos cento e cinquenta e três crianças em cento e noventa e cinco atendimentos, pois algumas destas crianças têm o atendimento de mais de um profissional. As especialidades que são colocadas a serviço das crianças e das suas famílias: uma psicóloga, duas fonoaudiólogas, uma psicomotricista, uma profissional do AEE, duas psicopedagogas, dois recepcionistas, o motorista (as crianças são pegadas/recolhidas em suas casas ou escolas) e a diretora. Podemos dizer que as atividades e atendimentos clínicos e especializados tem um alto nível de qualidade e temos no horizonte que as pessoas que mais precisam são as que devem receber maiores investimentos e excelentes profissionais, pois, para estas, os desafios para acompanharem a vida social são bem maiores. Com

⁶ Na Educação Infantil os profissionais, desde 2014, tem 20% do tempo para planejar suas atividades e no Ensino Fundamental (2014 também) eles têm 33% do tempo para estas atividades: planejar, elaborar os pareceres, corrigir as avaliações e potencializarem sua formação.

⁷ Centro de Atendimento Educacional.

⁸ Centro Municipal de Atividades Educacionais Aprender.

⁹ Centro de Educação Ambiental Augusto Kampff.

esta priorização, estamos seguindo o que nosso Mestre disse: "*Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes*" (Marcos, 2:17).

No *CEMAE Aprender* atendemos duzentas e trinta crianças e adolescentes em turno inverso e neste espaço potencializamos oficinas nas quais a música, a dança, a culinária, o reforço às atividades escolares/tutoria, xadrez, artesanato, banda musical marcial e banda de lata, robótica, tênis e educação ambiental.

No *CEAAK* temos nove profissionais que atendem as turmas das escolas públicas (municipais e estaduais) e particulares¹⁰ e neste espaço a preocupação essencial é com o cuidado ao meio ambiente. Além de atender estudantes em várias oficinas, o Centro Ambiental também abre espaços para que a comunidade participe das diferentes atividades.

Nesta estrutura da rede municipal de ensino, trabalhamos muito e com muitas pessoas; podemos dizer que "*o nosso trabalho é realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca*" (FREIRE, 1996, p. 162 e 163). E é justamente esta ideia de 'educarmos durante a vida toda' que pregamos em nossas falas e, o mais importante, criamos programações para as diversas faixas etárias e tentamos, desta forma, praticar o que discursamos/falamos.

A humanização pressupõe profissionais que gostam de gente. A genteidade, segundo o Dr. Celso Igo Henz¹¹ (2007), é uma característica fundamental das pessoas que trabalham com outras pessoas. O gostar de gente é um pré-requisito aos profissionais da educação:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser determinado e o ser condicionado (FREIRE, 1997, p. 59).

¹⁰ O número de estudantes atendidos no *CEAAK* varia muito: alguns meses atende em torno de quatrocentos e em outros meses este número pode chegar perto de seiscentos.

¹¹ O professor Dr. Celso I. Henz fez uma fala no Pré-diálogos com Paulo Freire na cidade de Igrejinha, em 15 de agosto de 2015, e naquele momento enfatizou muito a dimensão humana de Paulo Freire e disse que nós, profissionais da educação, devemos gostar de gente se quisermos concretizar projetos convergentes com a humanização nesta sociedade conturbada de nossos dias. A genteidade é esta categoria que possibilita ações convergentes com uma proposta política e cidadã.

O processo de formação cultural dos profissionais da educação faz com que cada um/a, a partir da formação permanente/continuada, empreenda esforços capazes de atingir a transcendência e concretizar a ideia de ser mais materializando assim o ideal humanizante e humanizador que cada um carrega e que pela educação é potencializado. Enquanto secretaria ofertamos formação continuada aos profissionais da educação em carga horária bem superior ao mínimo exigido pela legislação e nestes momentos pensamos e refletimos muito sobre o nosso fazer cotidiano. Somos revolucionários neste aspecto, pois, para Freire o estudar é um ato humanizador e revolucionário:

Esta atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos caracteriza o ato de estudar. Não importa que o estudo seja feito no momento e no lugar do nosso trabalho [...]. Não importa que o estudo seja feito noutro local e noutro momento, como o estudo que fazemos no Círculo de Cultura. Em qualquer caso, o estudo exige sempre esta atitude séria e curiosa, na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos. [...] Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário. (FREIRE, 2011, p. 73).

É interessante enaltecer o caminho percorrido entre 2014 e 2015 pelas pessoas da FACCAT¹², do GEPF¹³ e da SME¹⁴ de Igrejinha. Ao nos comprometermos em acolher/receber o *Diálogos com Paulo Freire* em Igrejinha, em parceria com a FACCAT, pensamos no que poderia ser feito para nos preparar bem para sermos anfitriões de um grande grupo de pessoas que virá para a nossa cidade. Começamos vendo a logística (aspectos administrativos) e, acima de tudo, os aspectos pedagógicos; e foi nesta dimensão que organizamos os Círculos de Cultura que foram e estão sendo realizados nas escolas públicas de nossa cidade e em outras entidades da região. Estes foram momentos de humanização em que as pessoas puderam e podem compartilhar a sua prática e confrontá-la com as teorias existentes. Para a cidade de Igrejinha e para o Vale do Paranhana esta foi e está sendo uma excelente oportunidade para nos aprofundarmos mais na filosofia e proposta de Paulo Freire para diferentes áreas, principalmente para a educação. Além disso, estamos semeando a proposta à região.

¹² Faculdades Integradas de Taquara, RS.

¹³ Grupo de Estudos Paulo Freire - ligado a FACCAT.

¹⁴ Secretaria de Educação de Igrejinha, RS.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de trabalharmos alguns elementos e algumas experiências que acontecem na cidade de Igrejinha, RS, acerca das experiências em projetos de gestão da educação pública que ocorrem em nossa cidade, podemos dizer o seguinte: investir em educação é a melhor forma para termos cidadãos livres, conscientes e comprometidos com a cidade e com a humanização de quem nela vive. Esta meta deve ser empreendida por todos/as os que estão envolvidos e comprometidos com os diferentes projetos que ocorrem em torno da escola e dentro dela mesma. Por isso é que destacamos a importância de projetos e estruturas que estão voltados à formação de todos os profissionais que atuam dentro e até fora da escola, mas que estão ligados a elas.

Os diferentes investimentos feitos na educação devem sempre ter presente que a educação é um dos meios para que a humanização ocorra e a partir dela homens e mulheres novos empreendam processos revolucionários capazes de transformar a cidade e a sociedade como um todo.

Sabemos que este é um processo defendido por sujeitos utópicos, esperançosos e, acima de tudo, capazes de, a partir de sua humanização, lutar para humanizar outros e outras com exemplos e palavras e potencializar assim uma cidade que tem no horizonte a proposta de ser educadora e educar ao longo da vida de todas e todos. Nós, autores desta reflexão, podemos dizer como Freire que tudo isto é possível de se fazer, tendo presente o rigor científico, a seriedade profissional, a humanidade e também a alegria.

A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da 'morte da história' propõe (FREIRE, 1996, p. 161)

Para concluir, podemos dizer que atingimos parcialmente os nossos propósitos e que este tema permanece aberto para novas reflexões e também para o debate acerca de novas ações que devem ser empreendidas para aproximar mais a teoria da prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Terry Eagleton; tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos que se Complementam**. 51 ed. São Paulo. Cortez, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 40ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

HENZ, Celso Ilgo, ROSSATO, Ricardo (orgs.). **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides, ZITKOSKI, (Orgs.) Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed., rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.